

(sons de passos e corrida)

*Canuto, desculpa o atraso.*

- *Distraímo-nos completamente!* - disse o Tiago.

O Canuto estava encostado à carrinha, de braços cruzados, com ar sério. Mas depois começou a rir. Todos suspiraram aliviados.

- 'Bora pessoal, entrem ou já não temos tempo de ir às pegadas - respondeu - *Têm água e comida?*

- *Sim* - respondeu Franzí.

*Então, vamos.* - disse enquanto entrava no carro.

- *A estrada termina ali. É onde termina a terra e começa o mar.* - avisa o Canuto - *Bem vindos ao Cabo Espichel.* O Hannes olha curioso pela janela e começa a esticar as costas. Todos saem do carro e pegam nas suas mochilas. Por um momento, não se ouve nada. Todos olham boquiabertos para o horizonte. O cheiro a maresia invadiu os seus corpos e a imensidão do lugar deixou-os petrificados. O Hannes perguntava-se se já teria visto um azul tão penetrante, tão brilhante.

- *Começamos aqui* - comunicou o Canuto despertando os amigos do seu transe.

Puseram-se a caminho. O Hannes ainda olhou para trás e teve vontade de ir explorar o santuário e por uns momentos ficou para trás.

- *Hannes, kommt* - gritou a Franzí.

- *Ja, ja, ich komme* - disse ele.

Começaram a descer por um caminho de terra batida, largo o suficiente para um carro. Em frente, vegetação e o mar. Subiram, desceram, pararam a ver flores e a observar insetos de cores estranhas. Iam aos pares. O Canuto e o Norman iam à frente, seguidos pelo Tiago e a Franzí. Atrás iam a Ana e a Sara. O Hannes ia no final da fila, aproveitando para tirar umas fotos. O Hannes sentia-se ... e ele queria registar tudo.

De repente pararam. O Hannes ouviu o Canuto.

- *Por aqui. Aquele caminho dá para a Praia dos Lagosteiros. Podemos lá ir quando voltarmos. Há lá outro conjunto de pegadas.*

E continuaram. Após meia hora, chegaram ao fim do trilho. O Canuto começou a explicar para onde deveriam olhar. Era difícil ver as pegadas a distância. Por sorte, o Norman tinha um par de binóculos. À vez todos o utilizaram e viram as pegadas, as marcas do tempo na rocha. Aproveitaram para observar (ver) o mar. As ondas batiam na falésia de o som era fascinante. No alto, a pequena casinha branca.

- *O que é aquilo ali, Canuto?* - perguntou a Sara.

- *O quê, Sarita?* - perguntou ele - *Aquela casinha branca? É a Capela, ou Ermida da Memória, Lá dentro, azulejos contam a Lenda de Nossa Senhora da Pedra da Mua.* E depois começou a contar a lenda. Todos ouviram com atenção. O Canuto era um ótimo contador de histórias. Quando terminou ao ver a cara de curiosidade de todos, sorriu e disse

- *Ui, este lugar está cheio de lendas. Algumas até dizem ser verdade...* E mudou rapidamente de assunto, deixando a aura de mistério no ar. - *Vamos? Ainda querem ir à praia dos Lagosteiros? Ou vamos ver o santuário?*

A Ana foi a primeira a responder.

- *Podemos ir aos dois sítios?*

- *Por mim, tudo bem. Vamos então?*

O caminho era mais acidentado do que eles esperavam. E o Hannes arrependeu-se de ter trazido as suas sandálias.

Quando chegaram à praia dos Lagosteiros, viram as pegadas e aproveitaram para dar um mergulho. O Hannes e o Norman sentaram-se a conversar, a Ana, a Franzi e a Sara estavam divertidas a tirar selfies e o Tiago e o Canuto estavam a à beira-mar a observar a paisagem. Mas era hora de ir. Estava a levantar-se vento e ainda queriam ir ao santuário. O caminho de volta era a subir. E todos já estavam cansados. Tinham andado muito hoje. O Hannes propôs:

- *Vamos ao santuário e depois vamos comer algo? Não tenho vontade de comer sandes.*  
Todos concordaram e o Canuto disse que os levaria a um restaurante na Aiana que ele adorava.

Finalmente chegaram ao carro, entraram e o Canuto dirigiu até ao estacionamento do santuário. Quando saíram, notaram que o vento estava a ficar mais forte e pegaram em casacos e pullovers. O Hannes calçou umas meias, o que se tornou motivo de risota para os portugueses. Ele já conhecia as piadas, mas estava com frio. Não queria saber e riu com eles. Foram então.

O Santuário era ainda mais impressionante do que a falésia. O crucifixo anunciava a entrada e as arcadas similares marcavam o passo até à igreja. O silêncio era ensurdecedor. Estavam sozinhos no fim do mundo. O vento já não importava, queriam ver tudo. O Hannes passou o arco ao lado da Igreja e viu a Ermida da Memória e a falésia. Foi até lá. Estava sozinho. Viu as ondas novamente, a espuma branca, viu pequenas flores amarelas viu um barco.

- *Hannes, Hannes - chamou a Ana - o que estás fazer aqui sozinho?*

- Estou a ver o mar, Ana. Acho que nunca o tinha visto verdadeiramente até hoje. A Ana sorriu. O Hannes e a Ana começaram a procurar os outros e encontraram-nos sentados nos degraus do crucifixo. O Tiago disse:

- O restaurante está cheio. Só temos mesa daqui a 1 hora e meia. O Canuto foi buscar coisas à carrinha e vamos petiscar aqui.

(Canuto) Voltou com um pão e um saco e anunciou:

- *Pão caseiro e queijo da Azoia. Querem uma mini?* - e começou a passar garrafas.

De repente, a Sara começou:

- *Ó Canuto, já que você não pode tomar uma mini, vou te dar de presente uma lenda do Brasil.*

E assim terminou a tarde, entre brindes, histórias, lendas e a promessa de um jantar tardio, mas delicioso.